

CONTAR HISTÓRIAS E FORMAR LEITORES: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA INFÂNCIA

Laís Ramos Fernandes¹
 Layanne Rodrigues De Moraes²
 Renato De Oliveira Dering³

23

Resumo: Faz parte da nossa cultura ouvir e contar histórias, desde o nascimento estamos construindo histórias, mesmo aquelas que são imperceptíveis, como um cheiro, um sabor, uma sensação, um contato físico, sentimentos e sensações. O objetivo do artigo é compreender como a literatura, por meio da contação de história, pode despertar na criança o gosto e o hábito da leitura. A leitura possibilita o desenvolvimento crítico de uma pessoa. Portanto, tomando como base que o aprendizado escolar é uma forma desse processo de aprender, na educação infantil não poderia ser diferente, visto que é nessa etapa que ocorrem diversos tipos de influências. Assim, é importante compreender a intrínseca relação entre contação e leitura, visto que tanto na contação de história quanto na leitura, a criança fica mais atenta às diversas questões sociais e culturais e ainda ajuda na socialização dessa criança e no despertar do gosto pela leitura. O processo formal de desenvolvimento da leitura tem seu início no ambiente escolar. No entanto, nesse espaço, a leitura está ligada apenas a fins didáticos e de escolarização. Tem-se, por esse viés, que o foco recai na leitura mecânica. Esse tipo de leitura volta-se em pronunciar corretamente as palavras e respeitar pontuações, do que fazer com que o indivíduo faça uma leitura de mundo. Nesse envolvimento entre literatura, contação e desenvolvimento infantil, portanto, que a criança tende a amadurecer emocionalmente e, até mesmo, possibilita formas para que ela se compreenda e, assim, consiga resolver conflitos internos. A leitura é capaz de provocar emoções e sensações, como felicidade, medo, raiva, paixão, entre outras.

Palavras-chave: Formação de leitores. Contação de história. Leitura literária.

TELLING STORIES AND TRAINING READERS: THE IMPORTANCE OF CHILDHOOD READING

Abstract: It is part of our culture to listen and tell stories, since birth we are building stories, even those that are imperceptible, such as a smell, a taste, a sensation, a physical contact, feelings and sensations. The objective of the article is to understand how literature, through storytelling, can awaken the taste and habit of reading in children. Reading enables a person's critical development. Therefore, taking as a basis that school learning is a form of this learning process, in early childhood education it could not be different, since it is in this stage that different types of influences occur. Thus, it is important to understand the intrinsic relationship between storytelling and reading, since both in storytelling and reading, the child is more attentive to the various social and cultural issues and also helps in socializing this child and in awakening the taste for reading. The formal process of development of reading begins in the school environment. However, in this space, reading is linked only to didactic and schooling purposes. For this reason, the focus is on mechanical reading. This type of reading is about correctly pronouncing words and respecting scores, rather than making the individual read the world. In this envelopment between literature, storytelling and child development, therefore, the child tends to mature emotionally and, even, allows ways for him to understand himself and, thus, be able to resolve internal conflicts.

¹ Graduada em Pedagogia do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0679010235843680>. Orcid: 0000-0002-4203-8889. E-mail: lalar.fernandes@hotmail.com.

² Discente do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5054097171453922>. Orcid: 0000-0002-5253-9425. E-mail: rodrigueslayanne@gmail.com.

³ Professor Assistente no Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Líder pesquisador do grupo FORPROLL/CNPq/UFVJM. E-mail: renatodering@hotmail.com. Orcid: 0000-0002-0776-3436 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7891833942208165>

Reading is capable of provoking emotions and sensations, such as happiness, fear, anger, passion, among others.

Keywords: Training of readers. Storytelling. Literary Reading

INTRODUÇÃO

24

Faz parte da nossa cultura ouvir e contar histórias, desde o nascimento estamos construindo histórias, mesmo aquelas que são imperceptíveis, como um cheiro, um sabor, uma sensação, um contato físico, sentimentos e sensações. Tudo isso acaba envolvendo o ser humano desde seu nascimento e, na infância, isso fica tudo ainda mais marcado. O gosto pela leitura é desenvolvido ao longo de sua formação, então, as experiências vividas são cruciais no processo de formação do leitor.

A leitura possibilita o desenvolvimento crítico de uma pessoa. Portanto, tomando como base que o aprendizado escolar é uma forma desse processo de aprender, na educação infantil não poderia ser diferente, visto que é nessa etapa que ocorrem diversos tipos de influências. Por isso, a leitura ser promovida pela escola, família e outras instituições sociais é fundamental para que os resultados sejam ainda mais satisfatórios, uma vez que a criança aprende por meio da observação.

Portanto, se a criança está em um ambiente com leitores frequentes, desse modo, a chance de ela começar a repetir essa ação é alta. Assim, quanto mais naturalmente a leitura for inserida no cotidiano, melhor é para a criança e seu desenvolvimento. É importante, nesse processo, que se observe também os assuntos que mais lhe chama atenção e, após a leitura, promover uma conversa sobre a história. Essas são formas simples de motivar a criança a sempre embarcar nesse universo: a descoberta da literatura. Nessa descoberta, a criança ainda desenvolve a capacidade de interpretação, argumentação, entre outras competências e habilidades.

Deste modo, por meio da leitura, outras vantagens são possíveis, como o desenvolvimento emocional, social e cognitivo, além de melhor articulação das palavras e pensamentos, o que auxilia no enriquecimento do vocabulário. Toma-se, portanto, que o hábito da leitura leva, principalmente a criança, a experiências no lúdico, na fantasia e, nesse contexto, o livro se torna mágico nas mãos de um leitor mirim. Logo, por meio da leitura a criança se torna agente ativo do próprio desenvolvimento.

Observada a importância da leitura, é que se entende que a escola não deve se ocupar apenas ensinar a criança a ler e a escrever no sentido mais tradicional e restrito desse processo. Uma pessoa que lê muito, não apenas escreve melhor, como também consegue se expressar com mais clareza. Ainda, seu senso crítico fica mais apurado. Compreendendo a importância da leitura, é preciso que a escola possa incentivar essa prática por diversas maneiras, mesmo em alunos que ainda não foram alfabetizados. Isso pode ocorrer por meio da contação de história.

A contação de histórias possibilita o desenvolvimento da curiosidade, imaginação, senso crítico, autonomia e auxilia ainda na resolução de situações de conflitos internos. Abramovich (1997) afirma que, da mesma forma que para o bebê ouvir a voz dos que o cercam faz bem, para uma criança ouvir uma narrativa curta, cheia de dramatização tem efeito semelhante. Assim, é importante compreender a intrínseca relação entre contação e leitura, visto que nas duas ações a criança fica mais atenta às diversas questões sociais e culturais e ainda ajuda na socialização dessa criança e no despertar do gosto pela leitura. O lúdico é uma dessas ferramentas.

O lúdico, portanto, é de suma importância para o desenvolvimento global da criança, visto que, nesta fase de vida, mais se assimilam conhecimentos. Uma forma de trabalhar o lúdico é por meio da leitura dramatizada. Entende-se que a narrativa oral é uma forma lúdica de apresentar a literatura, tende a ser uma ótima alternativa para estimular a criança a vivenciar novas experiências. Assim, é fundamental que esse contato seja estimulado desde cedo para que hábitos sejam formados, um destes hábitos é o da leitura.

Nesse envolvimento entre literatura, contação e desenvolvimento infantil, portanto, que a criança tende a amadurecer emocionalmente e, até mesmo, possibilita formas para que ela se compreenda e, assim, consiga resolver conflitos internos. É justamente essa percepção que nos levou a refletir sobre a presente temática e indagar sobre a relação da criança com a leitura e literatura. Dado o exposto, o presente trabalho justifica-se por discutir e analisar a importância da literatura e da contação de histórias como importantes meios de criar hábitos de leitura na criança.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos previamente definidos, optou-se pela revisão bibliográfica, uma modalidade de pesquisa pautada na produção de conhecimento por meio da pesquisa de vários autores que já escreveram a respeito do tema e do problema escolhido. A partir da coleta dessas informações e discussões, é possível observar a evolução da problemática no decorrer do tempo.

A sistematização da leitura e compilação dos dados apontados é que dará a qualidade para a pesquisa. Dessa forma, é possível que seja observados os pontos que já foram abordados e se estes precisam ser revistos, ou ainda, se alguma vertente não tenha sido explorada pode ser evidenciada para uma pesquisa futura.

Para uma fundamentação teórica ser mais consolidada, é preciso de uma análise mais profícua, portanto, os objetivos devem ser bem claros desde o primeiro momento, pois são eles, juntamente com a problematização, que servirão de guia para a obtenção dos resultados. Tozoni-Reis (2009 p. 36) afirma que "é importante observar que os procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica são bastante específicos. A leitura, para análise e interpretação dos dados, é a atividade específica em todo o processo, e exige do pesquisador maturidade e

disciplina". Ao pesquisador, nesse viés, abre-se possibilidades para mais indagações acerca do referido problema, dando abertura para novas discussões.

Dentro do tema e da problemática em questão, é possível averiguar a partir de outros autores o quão foi eficaz utilizar a contação de história para despertar na criança o gosto pela leitura. É possível também destacar quais elementos já foram utilizados para testar a prática, caberá ao pesquisador propor novas possibilidades de ação para ter resultados ainda mais satisfatórios. E tudo isso é possível a partir da pesquisa reflexiva e analítica. Essa produção de resultados proporciona ao pesquisador e à pesquisa, portanto, um trabalho investigativo e reflexivo, pois caberá a ele, depois da coleta de dados, analisar e validar ou descartar afirmativas que já se tornaram obsoletas.

Ainda segundo Tozoni-Reis (2009 p. 37), "a produção de conhecimentos resulta do trabalho de investigação científica que toma a pesquisa bibliográfica como modalidade e não se reduz a uma apresentação de ideias de diferentes autores acerca do tema estudado". Sendo assim, o pesquisador terá subsídios o suficiente para tirar suas próprias conclusões sem que as ideias se repitam, não se trata de concordar ou não, trata-se de validar o que já foi escrito com embasamento em outras referências, e quando necessário até abrir outros precedentes para uma nova versão a partir dos dados coletados.

CONCEPÇÕES SOBRE A LEITURA

O processo formal de desenvolvimento da leitura tem seu início no ambiente escolar. No entanto, nesse espaço, a leitura está ligada apenas a fins didáticos e de escolarização. Tem-se, por esse viés, que o foco recai na leitura mecânica. Esse tipo de leitura volta-se em pronunciar corretamente as palavras e respeitar pontuações, do que fazer com que o indivíduo faça uma leitura de mundo. Segundo Lajolo (1993, p. 04), "em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela".

Por assim ser, é importante compreender que a bagagem do aluno influencia não apenas para se desenvolver o gosto pela leitura, mas para que se dê significados a essas leituras que são feitas. Assim, nessa consoante, Lajolo (1993) conversa com Freire, uma vez que:

É nesse sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não é associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. (FREIRE, 1990, p. 21).

Portanto, o que se percebe é que a dimensão da leitura fora da escola é impossível prever, mas um fator importante para a criação de hábitos. Por isso que não se pode entender a leitura, por assim ser, como parte própria e exclusiva da rotina escolar, uma vez que ela é prática social. Um indivíduo letrado consegue não somente

ler e escrever, mas também compreender o mundo a sua volta, logo, analisa criticamente as situações e se sente parte integrante da sociedade.

Por isso que a leitura deve estar voltada também às práticas sociais, uma vez que se o conceito estiver voltado à decifração de códigos, apenas, será difícil e árduo se falar em uma formação global do indivíduo, dado que ele será condicionado ao que se quer e não a um processo crítico e reflexivo. Logo, entende-se que: “[...] a leitura é uma atividade de interação entre sujeitos e impõe muito mais que uma simples decodificação dos sinais gráficos, tem-se, assim, o leitor como um dos sujeitos da interação [...]” (SILVA; DERING, 2017, p. 02).

Das práticas de leitura, é possível que o sujeito desenvolva não apenas ações mecânicas, mas também saiba se expressar melhor, enxergar o mundo de outra forma, mais ampla e crítica. Por isso, é necessário inserir o docente na temática quando se fala em leitura na escola. Sabe-se que, em sala de aula, o professor precisa ser um amante da leitura, pois só assim conseguirá motivar os alunos a seguir seus passos. Para despertar o gosto pela leitura, não basta palavras, é preciso viver o que se fala. Um professor que não pratica o hábito da leitura, além de suas obrigações, possivelmente não conseguirá ser exemplo para que os alunos leiam. A leitura deve ser instigada, deve despertar a curiosidade e se o professor não conhece o produto de leitura fica sem argumentos de convencimento que incentive o aluno a buscar novas fontes de leitura. Perrone-Moisés (2016 *apud* Bezerra 2019 p. 37) afirma que: “Cada professor escolherá a porta pela qual ele introduzirá o aluno na obra literária, e seu ensino será eficiente se ele conseguir mostrar que a grande obra tem inúmeras porta”.

Quando o professor é leitor, ele consegue abrir mais possibilidades literárias aos alunos. Tem a probabilidade de reconhecer qual gênero chama mais atenção e a partir disso dar sugestões e envolver o aluno no mundo literário. E todas essas descobertas motivará sempre a busca pela prática da leitura. Nessa relação entre leitura e formação de leitores, considera-se ainda outros fatores importantes, que vão além da definição de literatura.

O gosto por algum estilo literário depende de vários aspectos, sendo um dos mais relevantes deles, tratando-se de literatura infantil, o fator idade. A criança se apega mais aos temas voltados ao lúdico, aventuras entre outros, pois nessa faixa etária os pensamentos são mais livres e leves, aberto ao novo sem restrições, a capacidade de imaginação é muito mais aguçada que em um adulto. Portanto, quanto mais criativa for a história, mais vai prender a atenção e mais vai ficar envolvida.

A leitura é capaz de provocar emoções e sensações, como felicidade, medo, raiva, paixão, entre outras. Ela tem o poder de levar o leitor a lugares que só a imaginação poderia promover, portanto, é como se o indivíduo entendesse aquilo como real e o organismo reagisse como se de fato fosse e continua embarcando nessa fantasia. Não é incomum ouvir relatos de pessoas que, ao terminar um livro, carregava em si um sentimento semelhante ao da perda de um ente querido.

Abramovich (1997 p. 17) afirma que:

É através duma história que se pode descobrir lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito mesmo achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser didática.

O ato de ler, em si, precisa ser prazeroso, sem compromisso fixo e o conhecimento vem de forma automática sem a necessidade de uma metodologia específica, tão comum como o ato de abrir ou fechar uma porta sem precisar olhar para a fechadura. A partir do momento que a criança percebe a riqueza do livro, as experiências e aventuras que pode experimentar, ela jamais se afasta deles.

28

Os livros literários são uma forma de sair da realidade, em se perder no caminho do conhecimento. Enquanto a criança se torna um leitor de literatura, cada uma pode assumir o papel que mais lhe agrada. É possível viver desde as mais arriscadas experiências até as mais emocionantes aventuras. Maria Luiza de Queiroz (1998 apud DERING; SILVA, 2016, p. 41), afirma que: “a boa ficção tem mais peso do que a modesta realidade”. Diante disso, pode ser percebido a importância da literatura no próprio desenvolvimento humano. Por assim ser, ocorre que essa ideia:

é muito significativa, porque remete ao verdadeiro caráter do objeto literário: o de considerar que aquilo que é vivido pelo ser humano, enquanto sujeito instituído num meio e numa instância social, pode vir a adquirir outros significados, e outras proporções de valores através da literatura; tudo depende das experiências sociais e das expectativas de leitura de cada um. (DERING; SILVA, 2016, p. 37).

Dentro dessa perspectiva, a literatura desempenha um papel de enriquecer os aspectos críticos e cultural do indivíduo, bem como permite um despertar de novas experiências. A literatura tem o poder de instruir, curar e libertar a sociedade e corrigir a linguagem. Cada obra tem seus métodos de encantamento ao público leitor, e esse encantamento nada mais é que a expressão dos desejos e anseios pessoais. Neste momento, o leitor mirim se apropria do personagem que mais se identifica e entra no enredo da história, tornando-a sua.

Pode se afirmar, ainda, que a literatura voltada para esse público é um reflexo da realidade, mas com um enredo mais leve e com desfecho elaborado. Desse modo, o escritor não consegue se desvincular totalmente da realidade, no entanto, pertence e, por isso, é possível que apresente uma perspectiva nova para uma situação cotidiana.

DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS AO LEITOR AUTÔNOMO

O ato de ler vem perdendo força, principalmente quando é encarado como obrigatória em sala de aula. Parece não existir o gosto real pela leitura, e quando a mesma ocorre é de forma mecânica e automática sem que se assimile as informações além das solicitadas. Por este aspecto é possível perceber que a escola não consegue cumprir suas metas de incentivo à leitura, conforme afirmação de Dering, Martins e Silva (2019, p. 304),

“Por assim ser, como dispositivo potencial, a leitura precisa ser potencializada através da relação entre leitor e texto e não apenas pela estética de uma dada obra”.

A leitura promovida pela escola não deve ser restrita a autores clássicos e consagrados, eles são importantes, porém pouco atrativos para a realidade atual, principalmente quando usados para iniciar um leitor. A escola precisa oferecer uma literatura variada e alternativas que levem ao hábito de ler. É uma possibilidade é a contação de histórias.

Por meio da contação de histórias é possível despertar na criança o gosto pela leitura de forma lúdica, pois ela aguça a curiosidade para novas descobertas. Ouvir uma narrativa faz com que o aluno crie um mundo imaginário cheio de aventuras, sensações e emoções. É quando a criança percebe que toda a magia foi tirada de um livro, logo terá a vontade natural de vivenciar mais dessas aventuras. É claro que no início serão textos pequenos, mas depois por si só compreenderá que quanto maior a leitura mais detalhes ela terá.

Cesar *et al* (2014, p 34) afirmam que:

Por meio da contação de histórias, os alunos se identificam com os personagens (com as fadas, as bruxas, seus super-heróis, entre outros) e diferenciam o bem do mal, o certo do errado e nesta dinâmica vão construindo valores morais e éticos, de autoconhecimento e reflexão, ou seja, naturalmente vão sendo inseridos princípios importantes, nesta fase primordial em que estão desenvolvendo sua visão de mundo.

E essa identificação com o texto torna a criança mais próxima ao ponto de se sentir parte dele. Desta forma é possível moldar os valores, desenvolver o senso crítico, promover o autoconhecimento. É durante a infância que se começa a fazer a leitura de mundo e o ato de ler irá ajudar na compreensão do mundo a sua volta.

Quando o educador compreende que o ato de contar histórias vai além de uma metodologia para manter seus alunos mais quietos, ele consegue fazer deste momento uma oportunidade de aprendizagem. Trata-se, assim, de

[...] uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1990, p. 09).

Ocorre, desse modo, que os alunos estão atentos ao objeto de conhecimento, no caso a história em si, desta forma, se o professor consegue promover ações que desafiem e instiguem o aluno terá mais do que uma sala disciplinada.

Observados tais pontos é que se discute sobre a importância da contação de história, visto que, pela contação, é possível persuadir a criança para que ela mesma busque a prática da leitura. Contar a história dramatizando-a e utilizando linguagem corporal, expressões faciais, tipos variados de vozes envolve quem está ouvindo, realmente fazendo-a mergulhar no enredo e se torna parte, se incorporando na personagem que se

identifica. Torres e Tettamanzy (2008, p. 6) afirmam que: “O contador deixa que a história mergulhe nele e só depois ele conta; primeiro se apropria da história para depois contá-la”.

Logo, o que se nota é que a contação de histórias se adéqua também como um modo de leitura, uma vez que, tanto na contação, quanto na “leitura, o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios.” (SOLÉ, 1998, p. 18). Amplia-se tal ideia, quando se percebe que: “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para o seu entretenimento” (COELHO, 1999, p. 26).

Essa ideia configura o que Abramovich (1997) discorre sobre a importância de se ler para uma criança, em que aborda a leitura, enquanto contação, como um momento de descobertas e aprendizagem. A troca da criança com a leitura e enquanto ouvinte de histórias permite as experiências e vivências que auxiliam em sua formação e no próprio hábito de leitura.

Além desse ponto, há de se destacar que “a leitura feita pelo professor em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, fornece-lhes um repertório rico em expressões e vocabulário facilitando a interação da criança com a linguagem escrita” (BOMTEMPO, 2003, p. 33)

É importante destacar que cada pessoa que conta ou ouve uma história terá percepções e emoções diferentes. E isso pode ser influenciado até mesmo pelo ambiente em que se conta a história. Durante a contação de histórias o ouvinte pode resgatar memórias e isso vai estreitar ainda mais o vínculo entre o ouvinte e o futuro leitor autônomo.

Logo:

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2009, p. 11)

Portanto, a contação de histórias torna-se um excelente estímulo à formação de jovens leitores e, mais do que isso, promove interações e diálogos com vivências que a criança levará consigo durante o processo de escolarização e para a vida.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR

A literatura tem como uma de suas finalidades, despertar a capacidade lúdica, aspecto que para as crianças é essencial pois ainda estão em fase desenvolvimento e a melhor forma de adquirir conhecimento é por meio da ludicidade. “A literatura é feita pra encantar, é feita com prazer para proporcionar prazer, o que vem depois é consequência desse prazer” (VILLARDI, 1997, p. 110). Então, alinhar a literatura com a contação de

histórias, principalmente na fase que a criança ainda não sabe ler. Ter esse contato com o mundo imaginário por meio da contação de história irá despertar na criança a vontade de buscar sempre novas aventuras e experiências.

Para Laskos e Maciel (2017, p. 19):

o professor tem o dever de fazer o aluno aprender a gostar da leitura e apreciar o momento de contação de história é uma das formas de ir estimulando a imaginação do aluno. É nos momentos de leituras na sala de aula que fazem resgatar os melhores momentos que estão vivendo, é muito gratificante ouvir aquela contação de história que faz você sair do seu mundo e se imaginar que está ali dentro da história.

31

Quando o professor está devidamente preparado, ou seja, é um bom leitor, terá condições de prender a atenção do aluno e a partir disso passar seus conhecimentos por meio da contação de histórias. Antes de motivar a leitura, o professor precisa ter conhecimento de causa, seus exemplos irá motivar os alunos, terá também a capacidade de identificar o que cada aluno se interessa, quais são os temas que mais chamam a atenção e poderá utilizar isso em favor de desenvolver o hábito da leitura em seus alunos.

O ato de contar histórias exige do professor um preparo para cada situação, pois contar não é apenas ler algo, contar histórias é levar o ouvinte para dentro da história e para isso é essencial conhecer bem o enredo, saber a relevância de cada personagem, os pontos mais importantes da história. Fora isso precisa ter desenvoltura física, pois a linguagem do corpo no momento da contação de histórias é importante, a dicção é importante assim como a simulação de vozes variadas. A expressão facial é o centro de tudo, pois é nela que a criança está focada, então o professor no momento da contação precisa estar atento a todos os detalhes.

Sanchez e Ferreira (2014, p. 215) afirmam que:

portanto, percebemos que o contador de história precisa de um bom planejamento para que sua história tenha sucesso, porém o principal para tudo o que se vai realizar é estar seguro e gostar do que está fazendo e obviamente usar de todos os recursos para que a contação das histórias sejam repletas de "magia" e alegria.

É necessário que o contador não seja maior que a história, mas suas habilidades serão essenciais para o sucesso da atividade. O professor poderá lançar mão de inúmeros recursos para auxiliar na contação, porém cada recurso precisa estar em acordo com a faixa etária, assim como a história escolhida. A partir do momento que o professor domine a metodologia escolhida, os resultados são bastante significativos. Quando o professor compreender o ato de contar, ele desenvolve, no aluno, também a curiosidade pelo ato de ler. Nesse sentido:

O indivíduo busca, no ato de ler, a satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo, que é condicionada por uma série de fatores: os alunos são sujeitos diferenciados que têm, portanto, interesse de leitura variada. As pesquisas que se empenham em delinear um quadro dos interesses de leitura das crianças e jovens têm em conta, como elementos determinantes, a idade, a escolaridade, o sexo e o nível sócio-econômico. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 19).

Por assim ser, há uma relação direta em contar e ler, principalmente no que se refere às crianças, uma vez que o despertar desse interesse provoca e promove outras inúmeras possibilidades. No entanto, para que

haja esse despertar, chama-se a atenção para que esse professor, antes de um contador, seja também um leitor.

CONSIDERAÇÕES

Diante de toda a construção do artigo ficou evidenciado vários aspectos que auxiliam na formação do leitor. Dentre eles o exemplo de pessoas próximas, pois a criança tende a aprender pela imitação de ações e a contação de histórias. Esta última tem o poder de envolver quem está ouvindo e o leva para um mundo paralelo. Durante o tempo da contação cada um assume um personagem e mergulha no enredo e por instante vivencia a história como um agente ativo das ações. Para a criança em formação isso se transforma em uma oportunidade de despertar a criatividade.

No momento da contação de histórias o contato visual é uma constante, e isso faz com que os laços afetivos sejam fortalecidos. Além disso, por meio do enredo, os personagens podem enfrentar desafios, sejam eles de cunho prático ou emocional e a forma com a qual lidam com a situação pode despertar na criança a percepção de como é possível agir em seu cotidiano.

Durante a contação a criança compreende a necessidade e a importância de ouvir o outro, portanto dentro dessa perspectiva, pode afirmar que a criança, por meio da contação de história, aprende valores, respeito ao próximo e isso tudo é uma forma também de aprender a lidar com as emoções.

A partir do momento em que a criança percebe que todo aquele enredo saiu das páginas de um livro, irá de forma autônoma buscar novas aventuras e histórias, daí fecha-se o ciclo na formação do leitor. A contação de histórias, em segundo plano, ensina a interpretação, desta forma quando a criança adquire hábito de ler por meio de atividades que contemplam a contação de história, terá uma percepção diferente das informações que a história traz.

A criança precisa desde cedo saber fazer a leitura de mundo. Para tanto não basta apenas dominar as habilidades de leitura e escrita, precisa compreender o que está a sua volta. E para adquirir tal habilidade, a leitura é essencial, mas o início pode ser por meio da contação de história. O conhecimento não pode ser adquirido de forma fragmentada e isolada. Quanto mais a criança reconhece no seu cotidiano o que aprende na escolar, melhor será seu desenvolvimento.

Para a melhora de resultados, é importante que após a contação da história, o contador deve trazer a realidade a criança aspectos que foram abordados na história. Quando a criança faz esse paralelo, observando as situações, os desfechos e consegue adquirir conhecimento, amadurecer as emoções e por fim cria uma visão de mundo com suas perspectivas e percepções.

A contação de histórias torna-se necessária, uma vez que prende a atenção da criança, fazendo-a mergulhar no universo em que se passa a história, além de estimular a ludicidade na criação de cenários e dar

vida aos personagens. Logo, todas essas possibilidades são matérias primas para que a criança desenvolva sua criatividade e sua capacidade de construção de conceitos e enredos, pontos fundamentais para a leitura, bem como escrita, futuramente.

Compreende-se que, a partir do momento em que a criança entra contato com a contação de histórias, desperta-se a curiosidade e a imaginação, o que possibilita que a criança tenha o desenvolvimento da autonomia de pensamento, bem como possibilita ao ouvinte a vivência e troca de experiências de diversas emoções e sensações. Cabe ao professor, no entanto, promover essa intersecção entre a arte literária e da contação de histórias com a formação da criança.

Logo, a contação de histórias pode ser uma importante aliada para que o professor consiga despertar no aluno o gosto e o hábito pela leitura, do mesmo modo, despertar a criatividade, senso de imaginação, desenvolvimento da linguagem oral, entre outras possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostasuras e bobices**. 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1997.
- BEZERRA, Sílvia de Paula. **A leitura literária em sala de aula: teoria e prática no Ensino Médio**. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/download/11993/7592>>. Acesso em 26 ago 2020.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.
- BOMTEMPO, Luzia. **Alfabetização com Sucesso**. 2ª ed., Contagem: Oficina Editorial, 2003.
- BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura. A formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CESAR, Cíntia. *et. al*. As contribuições da contação de histórias como incentivo à leitura na educação infantil. **Revista Interação**. Ano X, número 2, 2014/2. Disponível em: <https://vemprafam.com.br/wp-content/uploads/2019/09/DS_0012_16_fam_revista_interAtiva_n-12.pdf>. Acesso em 20 set 2020.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.
- DERING, Renato de Oliveira. **A cultura de massa em diálogo com questões de teorias literárias**. 104f. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais. 2012.
- DERING, Renato de Oliveira Dering; SILVA, Thaís Fernanda da. **Diálogo entre ficção e realidade: a linguagem literária como uma das representações de mundo**. *Revista Anhanguera*, Goiânia, v.17, n. 1, jan/dez, 2016, p. 36-42. Disponível em: https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/03_dialogo_entre_ficcao_e_realidade_2016_36_4.pdf Acesso: 23 ago 2020.
- DERING, Renato de Oliveira; MARTINS, Pauliany Carla; SILVA, Leandro Alves da. "A formação do sujeito-leitor pela experiencição do ato de ler: breves considerações". In. Schütz, Jenerton Alan *et al*/(Org). **Pesquisas e escritas**

em educação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

DERING, Renato de Oliveira; SILVA, Eduardo. Cinco (im)possibilidades para a formação de leitores no ambiente escolar público. **Revista Água Viva**, v. 2, n. 1, 18 jan. 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1990.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

LASKOS, Keity. MACIEL, Maria Elganei. **Contação de História na Educação Infantil: O Despertar da Imaginação.** Disponível em: <<https://iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/601>>. Acesso em 19 out 2020.

SANCHES, Glaucimar Carlos; FERREIRA, Franchys M. N. S. **Professor/contador de histórias buscando possibilidades para uma aprendizagem lúdica.** Rev. Diálogos Interdisciplinares – GEPPIP, Aquidauna, v. 1 n. 1 p. 207-221, out 2014. Disponível em: <<https://desafioonline.ufms.br/index.php/deaint/article/view/587>>. Acesso em 19 out 2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas.** Sessão aberta. UFRGS. Porto Alegre, v. 04, n. 01, jan/jun, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/download/5844/3448>>. Acesso em 20 set 2020.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler:** formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia de pesquisa.** 2ª ed. Curitiba: IESDE BRASIL S.A, 2009.

Recebida: 01 de dezembro de 2020

Aceita: 22 de dezembro de 2020